

Por uma teoria do jornalismo: Muniz Sodré em busca dos elementos que compõem o acontecimento midiático

Towards a journalism theory: Muniz Sodré in search of the elements that compose the medium issue

■ PABLO LAIGNIER *

SODRÉ, Muniz (2009).

A narração do fato:

notas para uma teoria do acontecimento

Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 287 p.

RESUMO

O objetivo desta resenha é mapear a mais recente obra do autor Muniz Sodré, *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*, destacando os principais elementos analisados pelo autor em cada um de seus três capítulos. Desse modo, pretende-se investigar em que medida a referida obra é uma contribuição original e relevante para a formulação de uma teoria sobre o jornalismo.

Palavras-chave: Discurso; Jornalismo; Narrativa; *Fait-divers*; Romance policial.

ABSTRACT

The purpose of this academic review is to map Muniz Sodré's most recent book: *The narration of fact: notes for an issue theory*, highlighting the leading points analyzed by the author in each of its three chapters. So, this texts tries to investigate how much original and relevant Sodré's study may be as a new contribution to elaborate a journalism theory.

Keywords: Discourse; Journalism; Narrative; *Fait-divers*; *Whodunit*.

* Doutorando em Comunicação pela ECO/UFRJ, e mestre pela mesma instituição. Formado em jornalismo, atua como pesquisador do LECC/UFRJ.

“**C**OMPLETO TRADUTOR DE seu tempo”: definido assim pela autora Raquel Paiva em texto anterior escrito sobre sua trajetória intelectual (PAIVA, 2004: 200), Muniz Sodré pode ser entendido como um autor único. Possuidor de uma extensa obra literário-acadêmica, parte dela traduzida e publicada em países estrangeiros, Sodré é capaz de proferir tanto oralmente, através de suas aulas e palestras, quanto sob a forma escrita, através dos cerca de trinta livros publicados, palavras reflexivas sobre os mais diversos assuntos concernentes ao campo teórico da Comunicação Social.

Estabelecer pontes e entender as semelhanças e diferenças entre distintos momentos históricos, diferentes formas de afeto, sensibilidade, racionalidade e vínculo é o que este autor se propõe e, particularmente agora, em sua mais recente obra, direciona seus esforços e comprovada erudição para a análise minuciosa do jornalismo enquanto prática narrativa, composta por um discurso que envolve a materialidade do jornal, a condição simbólica das ideologias envolvidas nessa prática (e que variaram nos últimos três séculos), além dos elementos sensíveis que garantem uma proximidade entre o leitor e o jornal, estabelecendo parâmetros para a prática jornalística enquanto construção de narrativas sobre o cotidiano.

A referida obra é dividida em três grandes capítulos. A primeira parte, intitulada *O discurso do acontecimento*, pode ser considerada a mais densa da exposição teórica. É o momento do livro no qual Muniz Sodré discute determinadas terminologias, procurando apresentar uma delimitação clara (e não unívoca ou finalística) que possibilite em futuros estudos a utilização de categorias conceituais bem fundamentadas, no que diz respeito à compreensão dos aspectos envolvidos na narrativa jornalística. Categorias estas como: “fato”, “acontecimento”, “notícia”.

Como afirma na introdução do livro,

ainda que o jornal não se limite à veiculação de notícias no sentido estrito da palavra, essa forma comunicativa tem lastreado nos últimos dois séculos a ideia moderna de jornalismo, na medida em que dá margem à construção e manutenção de toda a mitologia da neutralidade que se atribui a uma mercadoria e que, portanto, sustenta os coeficientes de confiabilidade pública nos relatos (Sodré, 2009: 14).

Nesse sentido, Sodré concentra sua discussão teórica no entendimento dos aspectos que garantem “noticiabilidade” aos fatos, entendendo estes como “estado de coisas”, a partir da noção kantiana: “O mundo dos fatos – a que podemos também chamar de «estado de coisas» – é o mundo da experiência empírica, isto é, de relações contingentes, do fenômeno que pode acontecer

ou não, fora de qualquer ordem necessária” (Ibid.: 2009: 28). Com relação a essa discussão, o autor também apresenta a distinção de Wittgenstein entre “fato” e “coisa”, sendo o primeiro “uma objetivação conceitual da realidade dos fenômenos” (Ibid.: 2009: 29), enquanto a “coisa” se configuraria como elemento que “serve para garantir a realidade objetiva dos fenômenos da consciência” (Ibid.: 28). Discute-se ainda, brevemente, as diferenças entre ocorrências do tipo *casus facti* (casos de fato) e *casus ficti* (casos relativos ao imaginário), além da distinção entre “fatos genéricos” e “fatos sociais”. Estes últimos têm como característica participarem da atividade humana e do *socius* como espaço existencial, onde se é possível “estar-junto-com o outro” (Ibid.: 29).

Os fatos vão sendo selecionados no cotidiano para integrarem o dispositivo “jornal”, tornando-se notícia a partir de um recorte que privilegia aqueles que constituem “acontecimentos” na cidade ou país em que são publicados. A argumentação sobre a constituição do “acontecimento” é uma das mais densas no livro, ocupando quase quarenta páginas e apresentando diferentes autores e exemplos. Discute-se, inclusive, a diferença entre “acontecimento midiático” e “acontecimento existencial”. É importante notar a complexidade deste assunto, pois o “acontecimento” é o que garante “noticiabilidade” para determinados “fatos sociais” na pauta jornalística. “Acontecimentos” são auráticos, no sentido Benjaminiano, e representam irrupções no “aqui-e-agora” dos sujeitos e situações sociais. A «acontecimentalidade» de um fato é garantida pela situação relacional deste com aspectos materiais, simbólicos e afetivos (sensíveis) do cotidiano cidadão ou da esfera pública ampliada que se obtém com o jornalismo massivo desde o início de século XIX. Elemento fundamental para o entendimento do que vem a ser o jornal impresso enquanto dispositivo informativo/ideológico e da própria atividade jornalística enquanto práxis da metrópole contemporânea e da esfera pública moderna, o “acontecimento” configura, nessa obra, palavra-chave primeira da discussão (juntamente com o termo “narrativa”, como se verá a seguir): é ele que singulariza os fatos, a partir da temporalidade e de outras especificidades geográficas/políticas/históricas.

Desse modo, Sodré apresenta a ideia (retomando-a de sua obra anterior, *As estratégias sensíveis*) de que os “acontecimentos” não podem ser explicados apenas de forma racional, mas deve-se levar em conta a indicialidade contida em seus aspectos sensíveis; a proximidade entre um fato, por exemplo, e outros de uma determinada cidade: “O sensível é uma categoria importante para se entender essa operação, uma vez que o local e o singular induzem emocionalmente à identificação do leitor com o acontecimento que, comunicado de forma

apenas abstrata ou conceitual, poderia não mobilizar a atenção pública” (Ibid.: 58). Nesse sentido, segundo o autor, o jornalismo pode ser situado como algo que fica entre o senso comum e um conhecimento sistemático. Além disso, a “atualidade” é tida, para Sodré, como elemento fundamental na escolha de determinados fatos sociais enquanto acontecimentos midiáticos.

A “notícia”, por sua vez, é o modo como “fatos sociais” selecionados tornam-se acontecimentos no corpo do jornal. Trata-se de um formato que implica uma narrativa própria, na qual o *lead* e os *fait-divers* tornam-se aspectos importantes (embora não exclusivos, nem imprescindíveis). A notícia é o invólucro do acontecimento midiático no dispositivo “jornal impresso”, e sua narrativa apresenta uma retórica própria, condizente com o referente real no qual a notícia supostamente se apoia. Trata-se de uma narrativa a respeito dos fatos sociais reais marcados enquanto acontecimentos pela singularização que seus elementos temporais e geográficos/políticos/históricos apontam no cotidiano da metrópole. A notícia busca atualidade e uma forma narrativa de fácil identificação dos aspectos principais a serem informados ao leitor. Característica do jornalismo norte-americano a partir da segunda metade do século XIX e constituindo-se como padrão do jornalismo ocidental (e atualmente globalizado) a partir do século XX, a notícia não representa a forma total do jornalismo, mas é utilizada quase que como sinônimo dessa prática profissional no uso corrente. A discussão sobre a “notícia” empreendida por Muniz Sodré mostra historicamente como esta se constituiu enquanto forma e valor no que se refere à narrativa jornalística, apresentando as características dos *fait-divers* na pontuação dos acontecimentos e discutindo as características genéricas que tornam um fato social mais ou menos marcado semiótica e culturalmente como de interesse jornalístico.

Ainda na primeira parte, o autor discorre sobre a pontuação rítmica que o acontecimento midiático opera na singularização dos fatos sociais em sua atualização jornalística. Apresenta dois níveis rítmicos: “num primeiro nível, o que ritmiza o cotidiano são as rotinas, inscritas individual e coletivamente na vida social; num segundo nível, os acontecimentos, que pontuam – em diferentes escalas de intensidade – essas rotinas” (Ibid.: 90). Sodré chega a traçar uma analogia com a música e sua questão rítmica, concluindo que “o sistema informativo escande as ocorrências, isto é, atribui-lhes um valor métrico, assim como se pode fazer com as notas musicais ou com as sílabas de um poema, segundo uma avaliação técnica do grau de relacionamento entre o corpo social e a ocorrência pautada” (Ibid.: 91).

A partir dessa questão, a da pulsação rítmica, Sodré termina o capítulo discutindo “as mutações do tempo”, apresentando um panorama da

pós-modernidade tal como descrita por Lyotard no final dos anos 1970, o de uma sociedade na qual o sistema capitalista voltou sua lógica da produção para o consumo, o que interfere diretamente em nossa relação com o tempo. Há uma desvalorização da memória e uma preferência pelo excesso de atualidade, uma espécie de eterna atualização corporificada por “ninfômanos da informação”. Trata-se do momento em que: “o consumo não pode mais ser entendido como simples momento finalístico da racionalidade produtiva, e sim como um verdadeiro sistema que relaciona o sujeito não apenas a bens e valor de uso, mas ao mundo enquanto totalidade” (Ibid.: 104). É neste ponto que Sodré trava uma interessante discussão a respeito do jornalismo no ciberespaço, apresentando exemplos que demonstram o quanto há uma mudança significativa entre este e o jornalismo tradicionalmente praticado nos jornais impressos: “esta é a realidade da informação pública sob o influxo dos tempos neoliberais. Esvai-se a ideia clássica de imprensa como «agente promotor de cultura»” (Ibid.: 115). E complementa: “neste novo sistema, a velha imprensa se redefine como parte do que se tem chamado de «indústria de conteúdos», portanto, uma produção desterritorializada de programas para as redes telemáticas” (Ibid.: 118).

Continuando sua argumentação, Muniz Sodré recorre novamente ao seu conceito de “bios midiático” (formulado em seu livro *Antropológica do espelho*), além de citar Kerckove, para afirmar que o sensível hoje predomina sobre a lógica argumentativa que tanto caracterizou a imprensa burguesa dos séculos XVIII e XIX. A partir da televisão e das redes telemáticas, a mutação foi ocorrendo a ponto de hoje, para Sodré, o jornalismo decorrente deste atual panorama ser “predominantemente indicial” (Ibid.: 129). Recorrendo a Baudrillard, relembra que “a informação do acontecimento é substituída pelo acontecimento da informação” (Ibid.: 134). E termina o capítulo demonstrando o quanto o discurso sobre a objetividade jornalística absoluta já não se sustenta e que, de fato, há uma objetividade fraca, o que não quer dizer que o jornalismo tenha perdido completamente sua relação com o público, no que diz respeito à credibilidade.

É aí que entra a segunda parte do livro, intitulada *A experiência narrativa*, na qual o autor teoriza sobre as relações de semelhança e diferença entre a narrativa romanesca e a narrativa jornalística, admitindo um certo grau de ficcionalização na elaboração da notícia, ainda que se busque um espelho do real em sua produção. O segundo capítulo apresenta a informação jornalística como parte de um discurso, afirmando que “a notícia (...) é um gênero sociodiscursivo” (Ibid.: 138). Deste modo, nesse capítulo Muniz Sodré recorre a elementos da análise de discurso e históricos para operar a distinção

e admitir semelhanças entre a narrativa literária e a jornalística. Trata-se de um capítulo com muitos exemplos retirados diretamente do jornal, que servem para exemplificar as características apresentadas pelo autor quando se refere a determinadas tipificações do texto jornalístico. A crônica, por exemplo, aparece como um meio-termo entre a narrativa jornalística e a literária. Outro tipo de texto apresentado é o *suelto*, espécie de mini-crônica de origem espanhola. A discussão perpassa o desenvolvimento da retórica e das narrativas clássicas até chegar à experiência moderna da narrativa analisada por Walter Benjamin e nos jogos de linguagem pós-modernos apresentados por Lyotard.

Nesse sentido, Sodré afirma que a cultura do livro e, conseqüentemente, do jornalismo impresso, significou a primazia do enunciado sobre a enunciação. O autor discute ainda a relação entre narrativa e ciências sociais. Porém, apresenta a visão de que a contemporaneidade substituiu a densidade simbólica pela transparência no que se refere à informação. Assim, discorre sobre o *New Journalism* como uma forma de narrativa literária não fictícia. Demonstra também a hibridização da narrativa jornalística com outras, tais como os infográficos e os desenhos, citando inclusive a presença constante de histórias em quadrinhos como fator de atração dos leitores em jornais norte-americanos desde o século XIX.

Em um dos tópicos desse capítulo, Sodré discute o que hoje significa narrar a partir dos estudos da área conhecida como “narratologia”: “O esquema básico de uma sequência narrativa é algo como: situação inicial – complicação – reação – resolução – situação final – avaliação ou moral da história” (Ibid.: 204). Em seguida, o autor apresenta diferentes modos de narrar uma notícia, a partir de exemplos retirados de jornais. Do *lead* ao “nariz-de-cera”, o autor aborda também a narração a partir de elementos “coloridos” do acontecimento, das “notícias de criação” e dos diferentes “ângulos” possíveis na construção da narração jornalística. Em seguida, o autor apresenta casos de fraude no jornalismo e características do sensacionalismo, finalizando o capítulo com uma explicação sobre *features* e *fait-divers*, sustentando que os fatores emocionais envolvidos em sua elaboração são cruciais para o entendimento de sua importância na construção da narrativa jornalística.

O terceiro capítulo, intitulado *O fato em vermelho-sangue*, é o mais afetivo do livro. Interessante a forma como esta obra foi escrita pelo autor: a cada capítulo, a leitura vai se tornando mais leve, menos densa do ponto de vista teórico e mais agradável em termos de leitura pela quantidade de exemplos literário-jornalísticos. Trata-se do único capítulo cujas subdivisões aparecem no sumário do livro, indicando sua importância (ao menos em termos sensíveis) para o autor. O que havia de mais fundamental a ser discutido por Sodré com

relação à semiótica jornalística e suas implicações socioculturais, discursivas, já fora feito nas páginas anteriores. Daqui por diante, este capítulo busca relacionar a literatura policial com a narração jornalística, encontrando nos *fait-divers* o ponto de apoio necessário à análise. O tom emocional do capítulo é mostrado desde as primeiras páginas, no momento, por exemplo, em que Muniz Sodré coloca para o leitor, em tom autobiográfico, o que a leitura significara para ele em sua adolescência:

Isso tudo perpassou o final da infância até a adolescência, quando me detive particularmente na ficção policial. Na época, minha maior imagem de conforto pessoal era uma poltrona, com pão, salame, uma taça de vinho e uma história de detetive. Mas podia ser também um romance de Balzac, Dickens ou Dostoiévski: a distinção entre grande e pequena literatura não fazia qualquer sentido para mim. Com a distância da idade, tenho hoje plena consciência de que, apesar da aparente diversidade dos gêneros, eu andara sempre no território do folhetim, este tipo de narrativa que nasceu colado às páginas dos jornais para seduzir leitores e aumentar as tiragens (Ibid.: 237).

Nesse capítulo, o autor defende a importância da literatura folhetinesca devido a sua capacidade de atrair leitores, inculcando-lhes o gosto pela leitura, o que não impede que depois estes leitores refinem sua busca por textos mais “existencialistas” ou esteticamente apurados. Se a literatura “séria” possui a intenção de ser “verdadeira”, durando no tempo, a literatura folhetinesca, segundo Sodré, se pretende “verossímil”, tocando a superfície do cotidiano de forma a entreter de modo mais fácil os leitores. Nesse ponto, o conceito de “pastiche” é utilizado como base para uma interessante análise da relação entre o clássico *Moby Dick*, de Herman Melville, e o *Best-seller Tubarão*, de Peter Benchley.

Em seguida, Muniz Sodré aponta as semelhanças entre a narrativa jornalística baseada nos *fait-divers* e a literatura policial. Citando outros estudos sobre os romances (ou “novelas”) policiais, tais como os de Piglia e Pontes, além de diversos autores do gênero no passado e no presente, Sodré traça um panorama do romance *noir* que serve como ótima introdução para os que queiram se aventurar neste tipo de literatura: Edgar Allan Poe, Dashiell Hammet, Raymond Chandler, Patrícia Highsmith, James Lee Burke, Sue Grafton, Chester Himes, George Pelecanos, Luiz Alfredo Garcia-Roza; esses são alguns dos nomes citados cujas obras são analisadas nesse capítulo. Como bem se sabe, não poderia ser esquecido o nome de Elmore Leonard, uma das preferências literárias de Muniz Sodré.

No último tópico deste capítulo, *Uma literatura comunicacional*, Sodré discute a facilidade que a novela policial apresenta em ser transcodificada para

outras linguagens. Esta transposição semiótica, aliada à facilidade de acesso que leitores podem ter a obras deste tipo, segundo o autor, fazem da literatura policial uma espécie de “literatura de mediação”, ou seja,

...um conjunto de dispositivos narrativos de iniciação ou de manutenção do gosto pela leitura, tanto das formas escritas quanto de sua tradução em linguagens audiovisuais. É o mesmo que dizer aqui uma literatura comunicacional, entendida como uma «escrita» comprometida com o ato de recepção ou de leitura seja no contexto do entretenimento, seja da inserção do sujeito-leitor num contexto de que ele deva tomar consciência (Ibid.: 278).

E termina o livro defendendo a alteridade do romance policial em meio ao cânone hegemônico da crítica literária (inclusive jornalística). Sodré conclama a crítica literária a ser mais informativa e menos metalinguística, propondo que o jornalismo cultural pode desempenhar papel importante na valorização de um gênero literário que nasceu atrelado à narrativa jornalística.

A mais recente obra de Muniz Sodré se mostra importante por pelo menos três razões distintas: 1) apresenta uma teorização densa sobre o jornalismo como sistema semiótico/cultural, fugindo à lógica dos manuais deontológicos sobre o fazer jornalístico; 2) defende um ponto de vista original e relacional, ao assumir semelhanças entre a narrativa literária (“séria” e do tipo industrial) e a narrativa jornalística; 3) demonstra que um livro teórico pode ser escrito para agradar, no sentido de que proporcione, além da reflexão, o prazer da leitura encontrado comumente nas grandes obras literárias.

Como já dissera Barthes, “na ordem do saber, para que as coisas se tornem o que são, o que foram, é necessário esse ingrediente, o sal das palavras. É esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo” (Barthes, 2007: 21). ■

REFERÊNCIAS:

- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 95 p, 2007.
- PAIVA, Raquel. Muniz Sodré: perfil intelectual. In: HOHLFELDT, Antonio e GOBBI, Maria Cristina (org.). *Teoria da comunicação*: antologia de pesquisadores brasileiros. Porto Alegre: Sulina, p. 193-200, 2004.
- SODRÉ, Muniz. *A narração do fato*: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 287 p, 2009.

Resenha recebida em 15 de julho e aprovada em 24 de agosto de 2009